

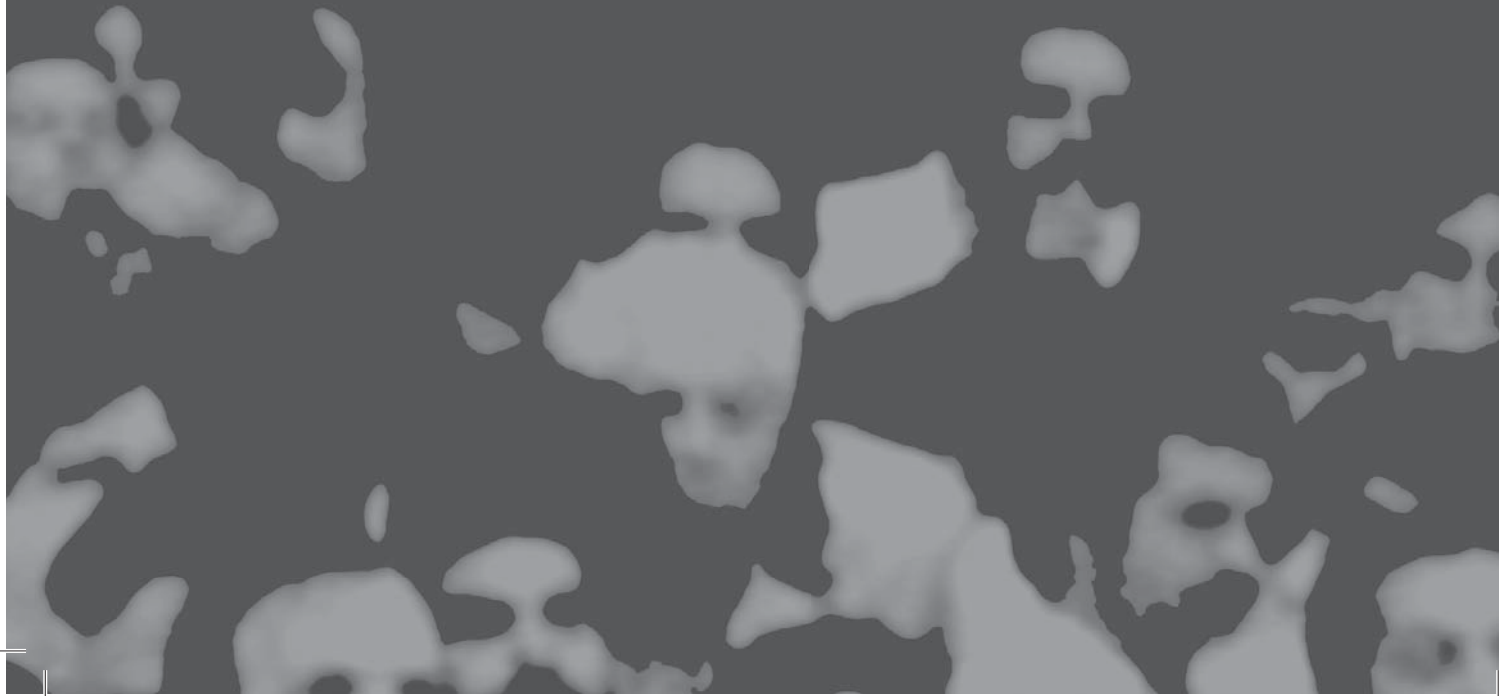
**DEVO A
ELES UM
ROMANCE**

RICARDO SOARES

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2020

COPIAS JA



BOCA DE CENA

Devo a eles um romance... devo a quem? A todos eles e elas que comigo atravessaram o final dos anos 70, começo dos 80 do século XX, numa ebulição que fundia poesia marginal, abertura lenta e gradual da ditadura, esperanças e aventuras existenciais e jornalísticas num cenário onde São Paulo é a protagonista, mas abre passagem para outros destinos, turísticos ou não, que vão de Paris a Transamazônica, do deserto do Atacama ao ABC paulista passando pela “eleição” de Tancredo Neves e “diretas já”, além da tragédia de Vila Socó em Cubatão e muitos outros cenários.

Devo a eles, à minha geração, um romance, mas na impossibilidade de fazê-lo apresento aqui essa *assemblage* que funde quase memória e ficção para contar um pouco daquilo que vivemos e não existe mais. Ou existe, pois aqui está posto.



1.

Tenho mais de 50 anos e minha cidade está ruindo. Lambo a minha própria parca biografia e percebo que estou me prendendo a tantos detalhes baratos que chego a ter dó de mim. Com todas essas referências ruídas como vou me lembrar do meu passado? E da noite que eu e os quatro poetas nos empanzinamos de vinho barato, aqueles de garrafão, numa praça que era erma e que depois virou uma estação de metrô? A gente então não ruía, mas imaginava alicerçar caminhos que na verdade poucos anos depois se bifurcariam. Agora sentem comigo nos bancos duros dessa praça erma. Faz frio na cidade de São Paulo. Ou melhor, garoa. Nosso Profeta ajeita o casaco de couro claro sobre os ombros, sacode suas belas madeixas cacheadas e percebe que o futuro nos passará ligeiro diante da cara. O caminho que o camburão que contorna a praça está fazendo nada tem a ver com a gente. Somos jovens, apolíticos, autocentrados, idílicos, alienados se fartando de poesia enquanto o couro come.

Meu pai é operário, o do Profeta é contador. Cosme não tem pai e o pai do Alfa trabalha em um estaleiro. O Estrela tem pai togado, mas é toga miúda, pequenas causas, causas baratas. Somos cinco idiotas com afinco. Ou somos cinco idealistas sem talento que corcoveiam ao redor de um fusca azul calcinha?

Ao redor do fusca, ao redor da praça, ao redor do redor declamamos Bandeira, João Cabral, Gullar, Vinicius, Quintana. Discutimos, pró e contra, as teorias da poesia concreta e os descaminhos da poesia engajada. “Faz escuro, mas eu canto” é o nosso lema não proclamado, pois nem sabemos onde escureceu, onde o sol raiou, aonde estão agora os “perseguidos do sistema”.

Aqui, ao redor da praça erma, nem eu e nem ninguém tem a pretensão de fazer o inventário da “geração mimeógrafo”, mas achamos

que vamos parar longe, pois os destinos do mundo e do nosso país dependem dos artistas. Somos a favor da arte, mas da arte indigesta, da arte que provoca corrosão, da que não se acomoda, da que reinventa a roda e passa sobre as cabeças cortadas nesse momento em que nos embriagamos de vinho de garrafão.

Glauber Rocha ainda está vivo e entre nós não há consenso sobre ele. Idiota, gênio, celerado? Vemos sua garganta profunda nos tirar do comodismo todos os domingos na tela da quase morta Tv Tupi. Não sabíamos, mas Glauber era a cara daquele tempo onde tudo podia e nada podia, onde tudo fodia e nada acontecia. Prenúncio, preâmbulo, prólogo, apólogo brasileiro sem véu de alegoria. Eis-nos pois corcoveando ao redor do fusca com dinheiro mirrado para poucas esfihas e esse avassalador vinho de garrafão que o Profeta empunha entre os dedos como se fosse um troféu.

Profeta é teatral, gestos pausados, fala como mastiga. Devagar, calmamente postado em uma tranquilidade que lhe veio nas veias desde Macau, Rio Grande do Norte, de onde vem sua família e muitas histórias das salinas. Mas o que tem as salinas com a calma? Nada, mas sempre achamos que a calma do Profeta vinha de sua ascendência potiguar.

O trocadilho óbvio que eu deveria dizer é que a cidade não havia ruído, mas haviam muitos ruídos na cidade. Ruídos que a gente não identificava, mas que já sinalizavam que tudo ia muito, muito mal. De onde eles vinham? Das turvas margens da Billings, dos picos da Cantareira, do alto do Jaraguá, do castelinho assombrado de Santa Cecília? Eram ruídos estranhos, quase palpáveis. Tenebrosos, proféticos. Mas o nosso Profeta não acreditava em miragens, nem paisagens ou passagens subterrâneas, muito menos em teorias intuitivas. Era um tempo onde passávamos ao largo. E só acreditávamos no que víamos.

Profeta ainda engatinhava nas teorias de Freud, Jung e Lacan, mas sempre dava um jeito de nos fazer crer que ele dominava o assunto que

para mim era um tédio profundo, aquoso, gasoso. Os ruídos, posso afirmar hoje com certeza quase absoluta, eram os sons que vinham do futuro dessa cidade ruída que já se anunciava desde as antenas carregadas de estática da avenida Paulista que nessa ocasião eu tinha ganas de sobrevoar. Sabe-se lá porque, mas eu queria voar sobre a mansão dos Matarazzo, sobre o prédio da Tv Gazeta, sobre o enorme vão livre do MASP, acima do Trianon, voando sobre o cruzamento com a Consolação e o extremo oposto do Paraíso. Voar sobre os pontos de ônibus, os automóveis, os veados que se beijavam na porta do Conjunto Nacional nos sábados de madrugada. Os veados que não ouviam os ruídos. Nem os estudantes ou os bancários que economizavam centavos para o melhor vestir. Os ruídos se misturavam e contornavam os raros monumentos da Paulista. É preciso sempre prestar atenção aos ruídos, pois eles chegam antes, avisando...

Eu sempre defendi a tese de que o futuro manda recados. É preciso saber vê-los e ouvi-los. Que seja num pé sujo, numa poça d'água, no pneu dianteiro murcho de um táxi, na pintura judiada de um caminhão de bebidas, em um andaime partido, em uma nota fiscal mal tirada, em um pastel com muito óleo ou em uma garapa azeda. A fumaça do avião que parte de Congonhas pode ser um inequívoco sinal. A barba que não cresce na estátua do Borba Gato pode ser um sinal.

Mas desçamos, pois, as ladeiras da Pompeia e vamos chegar na praça erma onde ainda rola o garrafão de vinho barato e eu, tido e havido como o mais politizado do grupo, grito contra o Geisel, o Garrastazu e o Figueiredo:

— Ô, Garrastazu, vai tomar no cu... fascista filho da puta, assassino, covarde!

Eu gritava meio bêbado e meio feliz para desespero dos meus pares que temiam o camburão que volta e meia passava pela praça de olho no nosso vinho... os amigos imploravam para eu falar baixo:

— Fala baixo é o caralho, eu retrucava...

E os gritos se juntavam aos ruídos do mau tempo, no chão da praça vomitado, nas noites frias ao redor do fusca azul calcinha do Profeta.

EDITORA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

AUTOR
e-mail: cinevertigem@gmail.com
blog: todoprosa.blogspot.com

• *Livros iluminam* •

Este livro foi composto em Lunaquete
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em maio de 2020.
